

CULTURA, LETRAMENTO E COMUNIDADE INDÍGENA TRUKÁ PRIMEIROS ESTUDOS CRÍTICOS SOBRE AS PRÁ- TICAS DE LETRAMENTO DE PROFESSORAS ÍNDIAS

Katia Maria Rodrigues Gomes ¹

Cosme Batista dos Santos ²

Resumo: Cada vez mais a comunidade indígena está firmando a identidade através de práticas de letramento. Com a comunidade Truká não é diferente, apropriando-se da sua cultura através das histórias contadas pelos mais velhos, as professoras indígenas residentes na Ilha da Assunção, em Cabrobó — PE, no Vale do São Francisco registram as narrativas contadas pela sua gente e lançam em 2007, o livro “*No Reino da Assunção, Reina Truká*”. História que explora as culturas híbridas daquele povo que vem sendo passada de geração a geração, evidenciando o quanto essa tradição cultural serve para empoderar uma sociedade que vivia à margem, bem como serviu para preservar, fortalecer e afirmar a identidade.

Palavras-Chave: Professoras índias. Comunidade Truká. Culturas híbridas.

CULTURE, LITERACY AND INDIGENOUS COMMUNITY TRUKÁ EARLY STUDIES ON CRITICAL LITERACY PRACTICES OF TEACHERS INDIES

Abstract: Increasingly, the Indian community is signing identity through literacy practices. With Truká community is no different, appropriating their culture through stories told by elders, teachers Indians living

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Crítica Cultural, UNEB, Campus II, Alagoinhas-BA. Linha 2 — Letramento, Identidade e Formação de Professores. E-mail: katiargomes@yahoo.com.br

² Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP-SP; professor da UNEB, Campus III, Juazeiro-BA e Vice-Coordenador da Linha 2- Letramento, Identidade e Formação de Professores do Mestrado em Crítica Cultural, UNEB Campus II.

on the Island of the Assumption in Cabrobó — PE, in the São Francisco Valley record the narratives told by his people and cast in 2007, the book "in the Kingdom of the Assumption, Reina Truká". Story that explores the hybrid cultures of the people that has been passed down from generation to generation, but also how this cultural tradition serves to empower a society that lived on the margins, as well as served to preserve, strengthen and affirm identity.

Keywords: Indian teachers. Community Truká. Hybrid cultures.

Pouco se discute sobre a condição indígena no Brasil, mesmo porque por sermos herdeiros de uma cultura etnocêntrica, na qual o negro e o índio complementam como figurantes da nossa formação étnica numa história narrada e permeada de logocentrismo branco-europeu, falar de mulher, nordestina e índia, parece sobrecarregar uma espécie. No entanto, de diferentes espaços, saem histórias construídas por mãos que até poucotempo, "invisíveis" como as das professoras pertencentes à comunidade Truká, na Ilha da Assunção, em Cabrobó, Pernambuco. Quais as culturas transmitidas por essas mulheres? Como as práticas de letramento ocorrem na Ilha? Quais os saberes que prevalecem?

Este artigo pretende discutir alguns conceitos de cultura e de alguma forma como essas professoras Truká apropriam-se também desses conceitos defendidos por muitos antropólogos e ressignificam a partir de suas práticas em nome da preservação de um legado cultural — história e luta da comunidade Truká para afirmação e reconhecimento de identidades sem negar as influências de outras culturas, consideradas "brancas" na vida daquela gente.

Desse modo, o texto apresenta na primeira seção, intitulada Cultura sob o ponto de vista da antropologia, as contribuições dos antropólogos para os estudos culturais, na

segunda seção, intitulada Letramento: Street, Soares e Kleiman, discutiremos as práticas de letramento e, finalmente, na última seção, intitulada As professoras Truká, a obra e o letramento que se conquista... Apresentaremos dados sobre as professoras Truká, participantes da pesquisa.

Cultura sob o ponto de vista da Antropologia

Parece ter virado um senso comum atribuir à cultura conceitos ligados à intelectualidade, ao saber, ao conhecimento, à moral, à civilização... No entanto, esses conceitos são justificáveis ao apropriarmos um pouco da história. Ao pensarmos em cultura como uma estratificação social, por exemplo, no século XVIII, aquele que detinha a fluência do idioma francês era visto como “culto”. O que pensar das comunidades com dificuldade em aprender idiomas impostos pelos colonizadores?

O estranho, o diferente, aquele ser que não conseguia o “refinamento” imposto pela sociedade dominante era o “selvagem”, o “não civilizado”, “o índio” sem cultura.

Afinal há pessoas sem cultura? Apropriando-se da origem latina do nome cultura, encontramos “cultivar”. As comunidades indígenas não cultivam as suas raízes? Elas não lutam para preservar a sua história?

Não foi por acaso que Lévi-Strauss (s/d) utilizou os conhecimentos estruturalistas da Linguística para os estudos antropológicos. Da mesma forma que o fonema é usado para explicar e diferenciar as relações, ele se apropriando dessas informações discute as relações de parentescos dentro de estruturas simples ou mais complexas. Com isso em suas pesquisas, conclui que o “local/posição” é determinante para (des)construções culturais de um povo. Pois as relações são modificadas conforme a posição ocupada na linha de parentesco, com isso o comportamento de um irmão com irmã é

diferente do tio (materno) com o sobrinho (filho da irmã). Consequentemente as transmissões culturais também.

Outra contribuição de Levi-Strauss (s/d) sobre os tratamentos diferenciados nas relações “homens X homens” e “homens X mulheres”, pais e filhos com relações conflitantes, por conta das proibições impostas aos filhos. Não tocar, roçar a cabeça ao comer, dormir na mesma cama são atos proibidos para algumas famílias.

No entanto, através de Tuner (2005) conhecemos parte da cultura dos povos Ndembu através dos rituais. O autor chama a atenção para as interpretações dadas aos símbolos, desses povos da Zâmbia. Pois segundo ele, o pesquisador precisa está atento aos contextos analisados, para não correr o risco de uma pesquisa equivocada. Como exemplo, ela utiliza a árvore “leiteira” como *símbolo de representação de valores e organização social*. A mesma árvore que poderá simbolizar a fertilidade, puberdade, poderá também, conforme o ritual, representar a dor e o sofrimento, pois, muitas jovens não resistem e morrem embaixo dessas árvores, no exercício de uma cultura, como a *exposição de uma noviça envolta em lençol durante todo o dia* (TUNER, 2005, p.50).

Para Malinowski (1975), como a cultura vem sendo vista, ela acaba abarcando *várias aparelhagens*, sejam material, humana ou espiritual. No entanto, o olhar para a cultura passa por dois vieses: um olhar simples sendo atribuído às culturas consideradas primitivas, e um olhar complexo quando se trata de cultura desenvolvida. Mas, inegavelmente, ainda o autor afirma que a teoria da cultura toma posição no fato biológico.

Percebe-se que os olhares dos antropólogos contribuíram bastantes para conhecermos como a cultura foi sendo discutida e representada em diferentes comunidades. De posse dos estudos etnográficos as histórias de comunidades consideradas primitivas e “sem culturas” tornaram-se conhe-

cidas. Assim, percebemos mesmo dentro das mesmas comunidades que as relações se diferenciam, os tratamentos dados aos membros também, sejam por questões do gênero, geracional, grau de parentesco...

Para Geertz (1989), falar em antropologia remete ao conceito de cultura e suas nuances. E como forma de fundamentar as *interpretações das culturas*, ele utiliza, como exemplos, situações comuns, mas que ganham diferentes olhares conforme o envolvimento de outros com a situação. Um dos casos usados por esse pesquisador é sobre “uma piscadela” entre garotos e as diferentes interpretações dadas a isso. E realmente isso na nossa sociedade é bem comum. Os “será” surgem de imediato: “Eles piscaram por que estão paquerando?” “Eles piscaram por que estão sinalizando algum perigo?”

Não resta dúvida de que após o surgimento da Antropologia, no final do século XIX, os estudos sobre cultura ficaram mais estruturados, porém o próprio Geertz afirma que estudos antropológicos são interpretações de segunda e terceira mão. Claro, é o olhar do outro (pesquisador, estranho) sobre a cultura do outro (pesquisado, também estranho). E por mais próximo do sujeito pesquisado, há distanciamentos cultural, ideológico, filosófico, social, econômico que interferem nas coletas de dados.

Em suma, a cultura e a antropologia caminham lado a lado. Se por um lado as pesquisas sob o viés etnográfico sofreram influência por haver algo “construído” e “modelado” a ser revelado, hoje podemos perceber que os avanços nos estudos culturais têm muito a agradecer as contribuições desses antropólogos. E a crítica cultural cada vez mais dá passos largos em direção a uma cultura que respeite a existência humana, independente das relações e posições ocupadas nos espaços de poder. Uma cultura em que negros e índios sejam vistos como sujeitos sociais e não como objetos do sistema.

Assim, a história de vida, de colonização, de resistência e de luta do povo Truká é contada agora pelo lugar de fala daquela própria gente. Surge, então, o entre-lugar, que conforme Bhabha (2003, p.20), fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação — singular e coletiva — que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. As professoras fazem uso de uma prática de letramento para apresentar seus registros históricos com base, principalmente, no “acervo de histórias orais guardado pelos sábios e sábias do Reino da Assunção”, utilizam outras formas de se chegar ao significado (STREET, 2010).

Letramento: sob os olhares de Street, Soares e Kleiman

Na perspectiva de um olhar sobre a significação do letramento em relação às práticas escolares no meio indígena, mais precisamente às professoras índias da comunidade Truká é relevante compreender o letramento como um processo, que embora possa ocorrer fora do contexto da escola, não se deve negar esta como a principal agência de letramento na sociedade (SOARES, 2000, p.39); como também é importante considerar a compreensão de letramentos — no plural — por meio de contextos culturais, já que há vários modos diferentes de se representar os usos e os significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e que a partir das perspectivas etnográficas, a noção de práticas de letramento nos possibilita fazer uma reflexão que necessariamente traz implicações para políticas de educação e, portanto, não é uma abordagem que simplesmente descreve eventos e busca regularidades (STREET, 2010, p.40).

Nesse caminho, compreendendo que as práticas e os usos de leitura fazem parte do cotidiano da nossa sociedade, da nossa cultura, surge a inquietação: e com o povo Truká? Como acontece a afirmação da identidade daquela gente,

uma vez que há muito tempo lhes fora negado o direito de ser diferente, há muito foram despejados da própria língua, de suas crenças, das suas tradições, das suas memórias e até de sua própria organização social? Entender as práticas de letramento como um constructo identitário é relevante, uma vez que

as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da personalidade (personhood), e que quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar. (STREET, 2007, p.466)

Para Kleiman (1995, p.41), os níveis de letramento são decorrentes da familiaridade de falantes com usos, funções e organizações textuais da escrita que irão refletir diretamente no fazer desses sujeitos. Além da escola, são consideradas também agências de letramento a família, a igreja, a rua, os lugares de trabalhos onde o sujeito está sempre em contato com a escrita.

Nesse direcionamento, Kleiman cita Heath (1982,1983) mostrando que evento de letramento são situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido à situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas.

Assim, a partir dos novos estudos sobre letramento (STREET, 2010), apontado, aqui, enquanto plural, já que para este autor, as pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não em outra prática, este estudo reconhece que os pressupostos culturais de um povo possibilitam suas práticas de letramento, não sendo diferente com as das professoras Truká. E que a partir dessas práticas de escrita dessas mulheres, essa comunidade pode tornar-se uma “máquina de guerra”, capaz de esvaziar os sentidos das coisas, fazer a política do

desmonte, pode ativar as memórias e combater a tábula rasa (SANTOS, 2012).

As professoras Truká, a obra e o letramento que se conquista...

As índias professoras pernambucanas e escritoras chamam a atenção dos estudos da Crítica Cultural porque elas não aceitaram o lugar que a sociedade destinou para elas. Estudaram, sim a língua dos brancos, aprenderam a cultura, as histórias contadas em duas versões. Escolheram passar, para os filhos e netos, as duas narrativas sobre o povo indígena; no entanto, com uma diferença, elas organizadamente formaram uma fratria em defesa do seu povo. Registrando na língua “dos brancos” a versão dos indígenas.

A partir da escrita do livro *No Reino da Assunção, Reina Truká*, as professoras indígenas e moradores daquela comunidade apropriam-se da escrita na tentativa de valorizar seus fazeres, seus costumes a partir da palavra, não apenas por saber ler e escrever, mas na condição de quem cultiva e exerce as práticas sociais de quem utiliza a escrita e registram, ao longo da narrativa, uma sequência de práticas de letramento do povo Truká na qual descreve os modos de subsistência, a feira da cidade de Cabrobó, o trabalho dos agentes indígenas de saúde, dos artesãos e artesãs, o trabalho das professoras também como pesquisadoras e autoras de sua própria história, das merendeiras nas escolas daquela comunidade dentre outros. Dessa forma, há muito letramento acontecendo (STREET, p.2010).

A produção da obra *No Reino da Assunção, Reina Truká* é o resultado do trabalho realizado pela OPIT — Organização das Professoras Indígenas Truká — publicado em 2007 com o apoio do Centro de Cultura Luiz Freire; da Organização de Professores e Professoras Indígenas de Pernambuco (COPPE), do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da Univer-

sidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A partir desse trabalho, as professoras tornam-se autoras de seus registros e conseguem reforçar suas lutas pela afirmação de sua etnia.

Dessa forma, a hibridez cultural de construtores e usuários, citada por Canclini (1998, p.304), entremesclam em uma mesma rua estilos de várias épocas. E em várias passagens da narrativa esse cruzamento se faz presente. Assim, mesmo tendo como a padroeira da Ilha da Assunção Nossa Senhora dos Anjos, gostar de se divertir nas festas de São João, a comunidade Truká não abre mão do “Toré” que é um ritual sagrado para aquela gente, bem como o ritual de “Mesa ou Particular”, cerimônia restrita aos membros. Para eles, é no Toré que se recebem as orientações dos Encantados (antepassados), bebem-se a jurema — bebida que os purifica e lhes dá o saber para o caminho da verdade.

As culturas híbridas da comunidade Truká com a atuação das mulheres daquele lugar estão cada vez mais consolidadas e propagadas. O livro criado por essas mulheres reflete a luta pela preservação das culturas. Isso porque:

As culturas já não se agrupam em grupos fixos e portanto desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das “grandes obras”, ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe) (CANCLINI, 1998).

Na luta pelo reconhecimento identitário, apropriando-se das línguas dos dominadores, as professoras índias da comunidade Truká, na cidade de Cabrobó-PE, no Vale do São Francisco, utilizam-se em benefício da comunidade indígena, documentando e criando arquivos de uma memória indígena que não poderá ser anulada, despejada como outrora.

Assim sendo, é relevante lembrar que:

Os verdadeiros condenados da terra são os seres colonizados, que viram suas estruturas sociais ruírem com sobrenatural potência. Não sobraram pedras sobre pedras, não restaram vestígios dos sistemas de referência das populações autóctones e um novo mundo foi forçosamente trazido pelos Impérios Coloniais. Tratou-se de um processo incansável de destruição das características dos nativos, substituídas e postas como selvagens, primitivas, sem razão de serem simplesmente consideradas (FANON, 1979).

A mulher Truká é apresentada com o papel de liderança no lar, na roça, nos rituais e principalmente na luta do povo desde as mais velhas até as da nova geração que, segundo a narrativa, estão indo mais além, com uma participação mais ativa e papéis cada vez mais relevantes.

As experiências das guerreiras mais velhas informam nossa luta atual: mulheres sempre agricultoras, donas de casa, mulheres educadoras, agentes de saúde, mulheres que vão ser doutoras, mulheres que são mãe, que são jovens e velhas, que são bonitas como o Rio São Francisco e que serão lutadoras e sempre mulheres Truká [...] (Organização das professoras Truká — OPIT, 2007, p.91).

A luta dessas mulheres é do tamanho dos sonhos, elas não pararam nos registros que originou o livro publicado em 2007, no "Reino da Assunção, reina Truká", elas lutam para modificar o currículo escolar, a escola, o próprio material didático. E os sonhos vão além, elas querem ser tratadas por médicas índias na própria comunidade. Alguém duvida que elas consigam? Essas índias guerreiras atuam em diferentes espaços: escola, terra, religião, cultura...

Inegavelmente, o povo Truká sofreu várias influências culturais europeias, apesar de o grupo de mulheres ser responsável por transmitir aos mais jovens elementos da cultura

dos nativos que não poderão ser esquecidos; seja a língua, a religião e os costumes.

Ser Truká é cultura. Ser Truká é ser descendente dos guerreiros e guerreiras que iniciaram esta luta, é beber a jurema, balançar o maracá. É participar do tore, do particular, das festas das retomadas. É respeitar nossas lideranças e os saberes dos mais velhos. Não importa a roupa ou o cabelo. O que importa é continuar a luta dos mais velhos (Organização das professoras Truká — OPIT, 2007, p.108).

O fazer dessa gente nos dias atuais reflete a influência da cultura do não-índio sobre suas atividades corriqueiras, como vestir, comer, dançar, rezar, ler, entreter-se, etc; entretanto não é desconsiderada a relevância dos antepassados no seu constructo cultural.

Considerações Finais

Encerrar este texto é apenas uma forma de abrir novas páginas para os estudos que se iniciam, uma vez que este texto traz em seu bojo as inquietações que permeiam minha pesquisa apresentada através do Projeto — **Significados do letramento naspráticas de leitura das professoras indígenas Truká** — ainda em andamento.

Através do livro escrito pelo grupo de professoras índias Truká, publicado com o apoio do Centro de Cultura Luiz Freire; da Organização das Professoras Indígenas Truká (OPIT), Organização de Professores e Professoras Indígenas de Pernambuco e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi percebido que as mulheres sentem-se cada vez mais empoderadas. Em nenhum momento, nas minhas buscas iniciais percebi a negação de uma cultura em benefício da outra. Pelo contrário, as mulheres conseguem apropriarem-se das culturas híbridas que se cruzam na Ilha da Assunção e

ressignificá-las através dos ensinamentos passados para as crianças nativas.

As crianças desde cedo convivem com as múltiplas culturas e conseqüentemente suas influências na comunidade local. Sejam através da escola, festas, rituais religiosos, costumes. As crenças e fés tomam alvos diferentes, os deuses convivem com os santos católicos, a língua portuguesa se cruza com a língua dos Trukás.

Com isso, o livro que foi estruturado em oito capítulos e vai além do que está escrito, as mulheres nativas conseguem implementar as práticas de letramento com as crianças locais. Letramento que não se prende em ensinar a ler e escrever o idioma daquele povo. Isso as crianças aprendem quase “naturalmente”, elas ensinam as culturas e influências na vida de cada um, as lutas do povo Truká e suas conseqüências e a importância da cultura para preservação do próprio povo.

Referências:

CESAR, América Lúcia Silva. *Lições de Abril: a construção da autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. Salvador: EDUFBA, 2011.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2. ed. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KLEIMAN, B. Angela. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado Aberto, 1995.

- LEVI-STRAUSS, Claude. A Análise Estrutural em Linguística e Antropologia. In:
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural* 1. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, s/d, p. 45-70.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Trad. José auto. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- Professoras do Povo Truká: Adriana Maria dos Santos...[et al.] — *No reino da Assunção, reina Truká*. Belo Horizonte: FALE/UFMG : SEDAC/MEC, 2007.124p ISBN: 978-85-7758-027-9
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica Cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*. Salvador: VIII ENECULT, 8 a 10 ago. 2012a.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In. RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: *Cultura Escrita e Letramento*.Org. Marildes Martinho. São Paulo, 2010.
- STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo*. n. 8, p. 465-488, 2007.
- TUNER, Vitor. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Trad. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.